

## LINGUÍSTICA, LÍNGUAS INDÍGENAS E TEMAS DE ANÁLISE SOB UMA ÓTICA FORMAL

*Marília Facó Soares<sup>1</sup>*

*Claudia Uller<sup>2</sup>*

Ao levar em consideração as línguas indígenas e a própria Linguística, este número da Revista Linguística coloca à disposição dos leitores diálogos internos à Linguística e aqueles que, dando-se entre a Linguística e outras ciências, podem beneficiar não somente análises em curso sob a perspectiva formal, mas também dar margem a reinterpretações ou tratamentos angulados formalmente. Apresentamos a seguir os movimentos internos a cada artigo constante deste número e a sua contribuição.

Em seu artigo, Calindro, Camargos e Apontes propõem-se a descrever e a tratar teoricamente, sob o ângulo de pressupostos da teoria gerativa, as estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas em Oro Waram e Oro Waram Xijein, variantes linguísticas pertencentes ao grupo indígena Wari' ou Pakaa Nova e vinculadas à família Txapakura (estado de Rondônia, Brasil). Os autores encontram em propriedades gramaticais compartilhadas sua motivação descritiva para focalizar tais construções sob o viés de uma análise comparativa e, ao mesmo tempo, sua justificativa para uma análise teórica unificada. No percurso para a construção do artigo estão a adoção de certas generalizações advindas da literatura tipológica e a reunião de um conjunto de informações necessárias sobre a língua, com destaque para propriedades dos predicados verbais e nominais. No que diz respeito a CP, estão em primeiro plano as propriedades gramaticais codificadas neste domínio, sendo o núcleo de CP sensível aos traços gramaticais dos elementos que ocupam sua posição sintática de especificador. Apresentam-se, assim, como relevantes a instanciação do núcleo de CP e a sua relação com um processo de concordância, em termos de traços de gênero, com o elemento presente no especificador de CP. Os autores avançam hipóteses sobre as possibilidades de estabelecimento da concordância e, dando um passo além, situam a contribuição empírica da língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein como sendo em favor da hipótese de traços herdados de CP: nessa língua apenas os traços de pessoa e número seriam herdados de C, enquanto o traço de gênero permaneceria no domínio de CP. Pelas hipóteses levantadas, os autores abrem caminho para estudos futuros desta questão e, igualmente, para outras análises teóricas que possam ser propostas.

<sup>1</sup> Professora Titular do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pesquisadora IC do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil), [marilia@acd.ufrj.br](mailto:marilia@acd.ufrj.br); [marilia@mn.ufrj.br](mailto:marilia@mn.ufrj.br), <https://orcid.org/0000-0002-5466-7527>

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Psicologia, Universidade de Kingston, [c.uller@kingston.ac.uk](mailto:c.uller@kingston.ac.uk), <https://orcid.org/0000-0003-1857-7636>.

O artigo de Souza alinha-se com pesquisas em sintaxe que, mantendo-se atuais, voltam-se para o léxico funcional como o lócus do desencadeamento das operações e da variação sintática. No caso do artigo em questão, a busca de seu autor é pelas evidências preliminares que lhe permitam mostrar a relevância de determinados núcleos funcionais como lócus da variação entre línguas de uma mesma família – a família linguística Pano, com línguas faladas no Brasil, no Peru e na Bolívia. No caso do estudo aqui apresentado, o foco recai sobre a língua Jaminawa, variedade de Kayapucá (estado do Acre, Brasil), em comparação com resultados de pesquisa alcançados por outros autores relativamente a uma variedade do Jaminawa falada no Peru e a duas línguas internamente afastadas, o Marubo e o Matsés, (estado do Amazonas, Brasil). Os núcleos funcionais objeto de atenção são Modo, Aspecto e Tempo, integrantes, respectivamente, das projeções ModP (Sintagma de Modo /Mood Phrase), AspP (Sintagma Aspectual/Aspect Phrase) e TP (Sintagma Temporal/Temporal Phrase). Como uma tipologia de léxico funcional em sintaxe não é em si tão simples e possui um histórico fundado em argumentações, Souza recupera parte da história da composição da camada flexional das representações sintáticas, o que implica passar pelos argumentos que levaram à cisão de IP (Sintagma Flexional/ Inflectional Phrase). Uma outra necessidade de explanação passa pela inclusão de um nóculo Aspecto na representação sintática e, a partir daí, da presença de uma projeção AspP, devendo a categoria aspectual ser conceptualmente motivada. Como passo igualmente apresentado está a dissociação entre AspP e TP, dissociação sustentada por evidências provenientes de estudos de afasia. Já no tocante às línguas Pano examinadas, contribuições prévias (SOARES, M. 2006; SOARES, R. 2011) trazem consigo a proposta de um núcleo funcional Modo integrante de um Sintagma de Modo. Aqui é parte da argumentação a existência de uma distribuição complementar entre marcas aspecto- temporais e morfema de negação (caso do Marubo) e, ainda, o fato de marcas aspecto-temporais terem a sua anulação aparentemente dependente, em determinados casos, de uma interação com os morfemas de negação (caso do Matsés). Deste modo, esta proposta prévia apresenta o Modo Realis/Irrealis como motivador da realização das categorias de Tempo, Aspecto e Negação nas línguas Marubo e Matsés (SOARES, 2006). Levada para a variedade peruana do Jaminawa, a proposta se refina: (i) ModP, com o traço realis/ irrealis (isto é [ $\pm$  realis]), resulta da projeção efetuada pelo núcleo Modo com um traço de negação; (ii) AspP resultaria da projeção efetuada por um núcleo Aspecto, irmão de vP (SOARES, R. 2011). Ao ser considerada a variedade de Kayapucá do Jaminawa, a proposta passa por modificações, com manutenção, porém, da projeção Sintagma de Modo. Analisando tal variedade, Souza aborda os efeitos da ocorrência de um conjunto de morfemas aspecto-temporais, ao lado do morfema de negação, buscando, de um lado, evidência para a hipótese de a negação ser parte de uma projeção independente (NegP) e, de outro lado, a necessária motivação para a representação sintática dos sintagmas ModP, AspP, TP com seus respectivos traços na língua Jaminawa, variedade de Kayapuká. Ao fornecer diferenças paramétricas entre duas variedades de Jaminawa, o autor contribui para o estudo da variação sintática no âmbito da família linguística Pano e, mais amplamente, para uma tipologia do léxico funcional em sintaxe.

Vieira volta-se para o tema da quantificação do ponto de vista da teoria da gramática, focalizando-o em três línguas de uma família linguística na qual tal tema ainda é pouco explorado: a família linguística Tupi-Guarani. Retoma a sua pesquisa anterior sobre a expressão da quantificação em Asurini (Vieira, 1995), comparando a quantificação adverbial em duas outras línguas geneticamente relacionadas, o Tupinambá e o Guarani Mbya. Adota a distinção entre quantificação D(eterminante) e quantificação A(dverbial) proposta por Partee et alii (1987), ao lado da arquitetura da Morfologia Distribuída e as explicações desta última para a mudança categorial vinculada às classes e à formação de palavras. O artigo apresenta a codificação de diversas noções quantificacionais nas línguas naturais, mostra os resultados da pesquisa da autora relativamente a propriedades gramaticais das línguas da família Tupi-Guarani e oferece uma descrição mais detalhada sobre o comportamento de certos tipos de quantificadores (e seu escopo) nas línguas investigadas. Quanto às questões de natureza teórica que o artigo levanta, essas são oportunas e relevantes, incluindo a universalidade dos tipos de quantificação, a possível correlação entre ausência de quantificação-D e alguma propriedade paramétrica da língua, a indeterminação categorial das raízes lexicais, além da associação entre as possibilidades de escopo do quantificador lexical e a derivação da estrutura argumental dos predicados. O artigo representa, assim, um avanço relativamente à proposta original de Vieira (1995). E, em meio aos aspectos descritivos e às questões teóricas que levanta, vale ressaltar que o artigo abre caminho para o aumento das investigações linguísticas sobre o quão comum seria, no âmbito das línguas naturais, o uso da quantificação A como a única estratégia para a expressão da quantificação.

Le Corre discute a natureza do sistema de contagem humano. O artigo representa uma revisão sistemática do desenvolvimento da contagem, das representações não verbais assumidas pelos bebês não verbais, às representações de número expressas na linguagem quando as crianças iniciam o aprendizado linguístico da contagem. O questionamento de como isto acontece tem intrigado os investigadores nas últimas décadas. Há grande quantidade de evidência que, analisada apropriadamente neste artigo, mostra que os humanos representam número através de dois sistemas – o sistema de individuação paralela, e o sistema de magnitude analógica (que Le Corre chama de sistema de número aproximativo). Enquanto o sistema de individuação paralela representa número através de um mecanismo de rastreamento de indivíduos/objetos, o sistema de magnitude analógica utiliza um mecanismo que registra o acúmulo de energia no sistema nervoso sujeito a variabilidade escalar, ou seja, o desvio padrão de estimativas numéricas aumenta em proporção direta ao número estimado. Como se pode verificar, nenhum dos dois sistemas oferece potencial para explicar o aprendizado dos números inteiros que são expressos na linguagem. A questão é, então: como se aprendem os significados das palavras com conteúdo numérico, uma vez que os sistemas não verbais que explicam o processamento numérico não oferecem um mecanismo que permita que significados sejam atribuídos? A proposta apresentada por Le Corre é a seguinte: há continuidade entre a compreensão não verbal de número e o sistema de contagem de números inteiros que permite a expressão na linguagem (verbal). As crianças devem fazer uso de uma marcação (*tallying*) mental na correspondência um-a-um (sabe-se que elas

o fazem antes de desenvolverem contagem verbal) para a generalização da contagem verbal, ou seja, para a expressão na linguagem de palavras com significados numéricos. Por exemplo, suponha-se que a criança esteja mapeando uma coleção de três objetos em correspondência um-a-um. Para cada objeto há que se mapear uma marcação (*tally*) mental que nomeia cada objeto contado. A criança então nota que a última palavra na contagem verbal também representa a numerosidade da marcação mental que determina a numerosidade da coleção. Quando isto acontece, a criança é, então, capaz de usar esta regra geral para aprender que a última palavra na contagem representa a marcação/contagem da coleção. Le Corre discute a literatura publicada à luz da proposta para provê-la, com sucesso, de suporte teórico. O artigo apresenta uma proposta interessante, que culmina com uma conjectura: a evidência arqueológica que mostra contagem como marcação (*tallying*) através da história cultural humana talvez seja uma pista de quão relevantes sistemas de marcação são para os humanos.

Em artigo situado no âmbito da fonologia e com o olhar dirigido para análises sincrônicas e históricas em conformidade com desenvolvimentos atuais em teoria fonológica, Carvalho conjuga fatos distribucionais e dinâmicos, tendo como foco as codas coronais e a fonotática em línguas da família Tupi-Guarani (TG), uma das mais importantes da América do Sul. Em especial, focaliza a aproximante coronal [j] em final de palavra e em situação pré-pausa, segmento este que, nas análises existentes sobre as línguas da família, é tratado ora como parte de um ditongo, ora como coda consonantal. Revê e fornece um outro tratamento para processos diacrônicos que envolvem a chamada ‘perda consonantal’ presente em descrições tradicionais de tais línguas. Ao mesmo tempo, indicando as inconsistências existentes em análises prévias e superando-as, fornece uma análise unificada, à luz de generalizações fonotáticas, para sequências de vocoides, excluindo ditongos. E mostra, ao longo do artigo, como o reconhecimento de que as consoantes se comportam de forma diferente dos contoides nas línguas TG leva a uma visão mais consistente (internamente) de padrões sincrônicos e diacrônicos. O percurso empreendido pelo autor para sustentar a sua proposta inclui um grande conhecimento da fonologia e da gramática das línguas da família e, ainda, importa em uma atualização da produção sobre essas línguas, ao lado de produção pregressa.

Leben e Ahoua têm neste número a primeira publicação mundial em língua portuguesa de seu artigo sobre reflexos fonológicos da ênfase em línguas Kwa da Costa Marfim. Publicado originalmente em inglês, em 2006, continua a ser objeto de busca e leitura em âmbito internacional, constituindo citação necessária por parte de todos aqueles que se interessam e investigam línguas tonais, ênfase, relação entre processos segmentais e tonais, negação e partículas finais, ideofones, nominalização de verbos e tipos de marcação de ênfase, elevação de registro, ao lado de temas igualmente importantes como *downdrift* e *upsweep*. Exemplos da importância deste artigo e da cadeia de estudos em que este se insere podem ser vistos não só nos estudos de determinadas línguas Kwa<sup>3</sup> (família nígero-congolesa), mas também nos estudos de línguas de outro(s) ramos da mesma

<sup>3</sup> Ver, por exemplo: Kügler & Genzel, 2011 (KÜGLER, Frank; GENZEL, Susanne. On the prosodic expression of pragmatic prominence: the case of pitch register lowering in Akan. *Language and Speech*, v. 55, n. 3, pp. 331-59, 2011.), Kügler, 2015 (KÜGLER, Frank. Tone and intonation in Akan. In: DOWNING, Laura J.; RIALLAND, Annie. *Intonation*

família <sup>4</sup>, de línguas não necessariamente relacionadas do ponto de vista genético, incluídas aquelas geograficamente mais distantes, ao lado de línguas que são objeto de estudos interlingüísticos que envolvem a África e outras línguas no mundo<sup>5</sup>. O leque de citações alcançado pelo artigo e o interesse que o mesmo desperta têm sua razão de ser. Em seu artigo, Leben e Ahoua evitam o termo mais restritivo *foco*, em favor do termo mais geral *ênfase*, de implicações semânticas sugestivas, porém abertas. De um lado, se tal opção os leva a lidar com construções bastante heterogêneas do ponto de vista semântico, de outro lado os leva a constatar que estão envolvidos na ênfase muitos dos mesmos dispositivos fonológicos. Uma parte de tais dispositivos é elencada no artigo e, se identificá-los assume o primeiro plano, fica aberta a porta para o seu tratamento teórico em outros trabalhos.

Em seu artigo, Freitas e Cordovil lidam com complexidade semântica e morfossintática, ao abordarem um tema pouco explorado em trabalhos lingüísticos voltados para línguas indígenas: a meronímia, fenômeno em que a relação semântica em causa pressupõe que um certo elemento seja parte constitutiva de um todo. Para lidar com aspectos dessa relação em Apurinã, língua da família Aruak ameaçada de extinção, as autoras trazem dados de suas próprias pesquisas, ao mesmo tempo em que articulam seu artigo com uma série de trabalhos de análise e descrição da língua Apurinã, além de realizarem uma revisão da literatura pertinente ao tema de seu estudo. No âmbito da revisão efetuada, conferem especial atenção ao trabalho de Harriet Klein sobre meronímia / relações parte-todo nas línguas indígenas das terras baixas da América do Sul (KLEIN, 2000 - único trabalho descritivo encontrado sobre a manifestação da meronímia em um conjunto representativo de línguas indígenas do continente). As autoras discutem pontos importantes sobre os conceitos de meronímia, posse e (in)alienabilidade. Entre estes, estão as características que compoariam a noção de meronímia, seus subtipos semânticos. E, em especial, na discussão da relação da meronímia com o conceito de posse, chamam a atenção para os limites dessa relação e colocam como relevante, para a compreensão da posse, a distinção entre alienável e inalienável, de igual importância para a compreensão da própria meronímia. Na parte dedicada à meronímia em Apurinã, o artigo segue o caminho do detalhamento, alcançando a sistematização de subtipos semânticos e a classificação dos merônimos nessa língua quanto aos padrões de marcação morfológica. Se, por um lado, o artigo mostra haver complexidade semântica e morfossintática no âmbito das relações meronímicas em Apurinã, por outro lado demonstra que a língua privilegia determinadas estratégias na expressão da meronímia. E, de modo instigante,

*in African Tone languages*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2015.).

<sup>4</sup> Também a título de exemplo, ver DOWNING, Laura J. & POMPINO-MARSCHALL, Bernd; The focus prosody of Chichewa and the Stress-Focus constraint: a response to Samek-Lodovici (2005). *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 31, pp. 647-81, 2013.

<sup>5</sup> Estão neste caso, por exemplo: Güldemann & Zimmermann, 2015 (GÜLDEMANN, Tom; ZERBINE, Sabine; ZIMMERMANN, Malte. Variation in information structure with special reference to Africa. *Annual Review of Linguistics*, n. 1, pp.155-78, 2015.); e Hyman & Leben, 2020 – trabalho que tem por base uma ampla pesquisa sobre sistemas tonais e dados de áreas amplamente dispersas do ponto de vista geográfico; e que contribui para uma reflexão sobre temas caros à teoria fonológica, como, por exemplo, tom subespecificado e marcação tonal (cf. HYMAN, Larry; LEBEN, William. Word prosody II: Tone systems. In: GUSSENHOVEN, Carlos; CHEN, Ajou. *The Oxford handbook of language prosody*. Oxford: Oxford University Press, 2020.).

abre caminho, afinal, para o que também pode ser uma questão cognitiva.

O artigo de Abreu e Albuquerque integra uma linhagem de pesquisas vinculadas, no Brasil, à área de Sociolinguística Indígena, inaugurada no país com o estudo do Português Xinguano por Charlotte Emmerich (EMMERICH, 1984<sup>6</sup>) e que tem, em Silvia Bigonjal Braggio (BRAGGIO, 1986<sup>7</sup>), da Universidade Federal de Goiás, um dos polos mais profícuos e propulsores na formação de novos pesquisadores, ampliação de pesquisas nessa área de interesse e suas interfaces, a que se soma dedicada atuação e vivência em territórios indígenas. Situados em uma cadeia de trabalhos precedentes e articulados, Abreu e Albuquerque tomam como base determinados questionários: o de Muñoz (1991) e aquele aplicado por Braggio para fim de diagnóstico Sociolinguístico – questionário extraído de Braggio (1992) e que passou por adaptações efetivadas por Albuquerque (1999) para aplicação junto a povo indígena específico. A pesquisa de que resulta o artigo é caracterizada por seus autores como sendo do tipo etnográfico e de abordagem metodológica quali-quantitativa, sendo instrumentos da pesquisa a observação participante, os registros em diário de campo, os questionários sociolinguísticos. Voltam-se os autores para a busca de uma melhor compreensão da relação existente entre a língua materna e o português nos diversos domínios sociais Krahô. Ao fazê-lo, expõem o método utilizado, fornecem dados para o diagnóstico sociolinguístico, os quantitativos obtidos, a interpretação dos resultados alcançados, considerando, em sua análise: a facilidade linguística em língua materna Krahô (incluindo o entendimento de uma conversação, o falar, o ler, o escrever nessa língua); a facilidade em língua portuguesa (nas dimensões da conversa, da fala, da leitura e da escrita). Os dados obtidos também trazem resultados importantes, do ponto de vista sociolinguístico, sobre qual seria, para os membros do povo Krahô, na comunidade em que a pesquisa foi realizada, a língua mais fácil de aprender. Como tópico vinculado está a questão da transmissão geracional, da manutenção da língua nativa, das atividades culturais, dos saberes tradicionais em situações de conflito linguístico e intercultural. Fazendo-se presente ao longo do artigo, como sua inspiração e, ao mesmo tempo, seu objetivo final, a este tópico acoplam-se formas de resistência.

Em seu artigo sobre a prática dos termos de parentesco entre ribeirinhos da Amazônia Paraense, Alves aborda práticas linguísticas presentes em um léxico local como meio de desvelar e compreender melhor as próprias relações de parentesco. Seu método de trabalho é o etnográfico, neste sobressaindo o trabalho de campo e a observação participante. Na observação dos dados etnográficos, o autor tece suas reflexões com base em um diálogo buscado entre teorias estruturalistas da Antropologia e da Linguística. Ao assumir a concepção de parentesco como mutualidade, vendo-o como sendo aquilo que esse faz, incorpora a palavra dita e encontra o caminho para interligar antropologia e linguística. Como Antropologia e Linguística são ciências amplas do ponto de vista histórico, teórico e epistemológico, é pela linguagem e pelo sentido que essas podem se relacionar. Assim, no artigo,

<sup>6</sup> EMMERICH, Charlotte. A Língua de Contato no Alto Xingu, sua origem forma e função. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 1984.

<sup>7</sup> BRAGGIO, Silvia L.B. The Sociolinguistics of Literacy: a case-study of the Kaingang a Brazilian Indian Tribe. The University of New México, UNM, Estados Unidos, 1986.

ganham destaque reflexões sobre conjuntos de práticas, de símbolos (“teia de significados”), sobre as formas de ser, as formas de fazer, as manifestações do imaterial, a organização sócio-espacial. A guiar o artigo – e o que neste constitui recurso para esclarecimentos -, está um questionamento de base: “De que maneira a linguagem ribeirinha revela e estabelece as relações de parentesco na região tocantina, principalmente no igarapé Acaputeua?” Em sua segunda parte, o artigo apresenta propriamente a análise que, desenvolvida etnograficamente pelo autor, resulta de “meses de pesquisa de campo realizada entre os ribeirinhos do igarapé Acaputeua no município de Igarapé Miri no nordeste do estado do Pará.” Aí estão os elementos de sustentação da análise, a concepção de comunidade de parentes, o jogo semântico do qual o pertencimento à parentela é dependente, a emergência da “periferia” da parentela como a melhor estratégia de reprodução social e material entre os ribeirinhos do Acaputeua, os quais não estão organizados em grupos de metades ou clãs. A compreensão das relações de parentesco a partir de práticas linguísticas revela-se, no artigo, como fundamental, constituindo-se as práticas linguísticas em uma importante via para quem busca a interface entre Antropologia e Linguística.

O número se encerra com artigo de Uller e Soares situado no campo da relação cognição-linguagem. Este contém proposta de uma agenda que focaliza o estudo da aquisição de habilidades numéricas por crianças de baixa idade. No artigo, está a questão de se saber como crianças de baixa idade adquirem sua língua nativa ao realizar julgamentos numéricos. Para responder a tal questão na viabilização da agenda, identificaram-se dois processos amplos e abrangentes para a expressão da informação numérica nas línguas. O primeiro ocorre por meio da estrutura gramatical de uma determinada língua (sistema de quantificação da língua). O segundo processo de expressão do conteúdo numérico é a expressão direta do número com o uso de expressões numéricas linguísticas. Ao primeiro processo atribui-se no artigo o nome de “número gramatical”. Ao segundo, “número linguístico”. Dois estudos focalizaram a expressão da informação numérica em duas línguas amazônicas, porém com léxico muito pequeno de palavras numéricas (GORDON, 2004; PICA; LEMER; IZARD & DEHAENE, 2004 – estudos respectivamente voltados para o Pirahã e o Mundurucu). As interpretações encontradas em tais estudos com base nos resultados obtidos e aí expressos são, no entanto, limitadas por muitas razões. Primeiro, a natureza informal do teste não fornece evidências definitivas para os sistemas de contagem propostos em Pica *et al.* (2004). Em segundo lugar, a abordagem linguística e cognitiva precisa ser expandida para incluir diferentes habilidades numéricas em diferentes situações cognitivas/linguísticas. Terceiro, em ambos os estudos não havia uma preocupação com o desenvolvimento conceitual de tais sistemas, ou seja, preocupação em saber como as crianças adquirem um sistema de pequenos números com base na linguagem e um sistema de grandes números estimado. É esta preocupação, ausente nos trabalhos desses autores, que se encontra em foco em Uller & Soares. Neste, sobressai a relação cognição-linguagem, a partir da relação linguagem-número - particularmente interessante e relevante para o estudo da relação pensamento-linguagem. A expectativa, na agenda proposta no artigo, é a de levantar questões

interessantes e tentar abordá-las no contexto de línguas faladas por povos originários amazônicos.

Mais do que oferecer análises particulares para problemas ou temas específicos sob o guarda-chuva de um tema comum, os artigos aqui presentes, uma vez reunidos, permitem que sejam divisadas as questões de fundo que, implícita ou explicitamente, os atravessam, ao mesmo tempo em que alimentam debates de largo alcance: as questões relativas a traços, propriedades, categorias, busca de tratamento unificado para o que se apresenta como aparentemente inconsistente, heterogêneo, complexo; aquelas vinculadas a preferências por determinados conjuntos de estratégias de expressão, manutenção e transmissão linguística; aquelas que perpassam escrita e oralidade, que, sendo diferentes, não são mutuamente substituíveis; as derivadas de material etnográfico e que demandam por novas análises; as questões cognitivas em relação com a linguagem. Várias destas se inter-relacionam e conectam diferentes artigos aqui reunidos, estabelecendo elos entre linguística, línguas indígenas e tratamento formal.